

Nietzsche: Conhecimento e Ideal Ascético.

Fernando R. de Moraes Barros (Bolsista FAPESP)

Orientadora: Scarlett Marton

O propósito geral do trabalho a ser desenvolvido é examinar, nos escritos do terceiro período da obra de Nietzsche, sobretudo no livro quinto do Gaia ciência, no Para além de bem e mal e na Genealogia da Moral, a estreita ligação entre conhecimento e moral. A partir da análise da vontade de verdade (*Wille zur Wahrheit*), cumpre investigar o impulso ao conhecimento e trazer à mostra que, de fato, ele se encontra eivado de preconceitos morais e trincheiras ascéticas.

Nietzsche, pelo agudo senso de análise e pelo rigor filológico, investiga em pormenor a imensidão do âmbito moral e traz à plena luz o estreito vínculo entre a vontade de verdade e o ideal ascético. Portanto, também é preciso mostrar como Nietzsche desenreda a trama criada pelas figuras de pompa do ascetismo, ou seja, pelos sacerdotes.

Tal é, segundo Nietzsche, o dado fundamental da vontade humana, isto é, seu *horror vacui* (horror ao vácuo), tudo aquilo que passe a imprimir no homem sentimentos de angústia e de imprecisão, enfim, é o próprio vir-a-ser, o “sem sentido” que, ao se apresentar, não é acolhido sob a forma de um processo de vida mas sim sob a forma conflituosa do medo. E, portanto, recebeu do homem um tratamento “humano”, ou seja, foi sempre “bem vindo” tudo o que pudesse sanar a falta de segurança inerente ao *horror vacui*.

Não suportando muita familiaridade com o vir-a-ser, o homem persegue a ambição de saciar seu apetite de claridade, de exatidão, pois, pelo fosso criado entre a existência e a falta de um objetivo seguro nasce a exigência de um ideal que decreta certezas e finalidades. Aquele que, na luta pela sobrevivência, era, por assim dizer, “esbofeteado” pelo *horror vacui*, poderia a partir de tal ideal viver com mais segurança. Portanto, ao dar um “rosto” a tudo o que era tomado como inconseqüente e incompreensível, o homem que se sentia torturado passou a ter esperança.

Incapaz de enfrentar a vida sem o auxílio de um ideal no qual possa se sentir acolhido, o homem “solto ao vento” aposta na ilusão de estar “protegido” da transitoriedade que o desnorteia. Entrementes, tal homem permanece divorciado do “desconhecido” que o ultrapassa e ao mesmo tempo o constitui, e, sob tal pretexto, não hesitou em tachar de culpa a própria vida, de imputar-lhe o erro, o acidente.

Confinado no pensamento absurdo de uma certa causalidade do vir-a-ser, o homem, que até então tinha que lidar com a inexatidão presente no seio do existir, passa a ser representado pelo feiticeiro, pelo adivinho, ou seja, pelo tipo de homem religioso que, por sua vez, “é mais antigo que o padre”¹ A partir desse horizonte favorável ao viés hierático, o homem apela para o conforto de estar ao lado de um feiticeiro, de um “mensageiro” do desconhecido, sempre disposto para amenizar a dor semeando “promessas” realizáveis apenas em um “outro mundo”

Assim, surge o invólucro propriamente ascético reservado a indivíduos imodestos

e privilegiados pelo fato de atuarem como casulo, como proteção aos “desgastados” Portanto, o surgimento do labor sacerdotal só foi possível devido a mínima resistência imposta pelos sofredores, devido seu interesse mesmo na figura de um “salvador”

Pelo procedimento genealógico nietzschiano, se elabora a dimensão na que o sacerdote ascético opera seu “auxílio” isto é, no próprio solo do ressentimento (*das Ressentiment*) Nietzsche sabe que o ressentimento, esse movimento de declínio no qual toda a ação é, no fundo, reação, vingança (mesmo que imaginária), tornou-se “criador” (*schöpferisch*). Na primeira dissertação da Genealogia da Moral Nietzsche diz: “Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava diz Não a um “fora” um “outro” um “não eu” e este é seu ato criador.”² Aqui vislumbramos o quadro de *morbidezza* no qual o sacerdote ascético irá aplicar sua mestria em “domar” em “amansar” aqui se tem a imagem de “algo mórbido” (*etwas Ungesundes*) no qual se localiza o sustentáculo do poderio sacerdotal.

Tal como um “parasita” o ressentimento se instá-la e produz um efeito que Nietzsche irá denominar de “má consciência” (*schlechte Gewissen*). Acerca deste processo de cumulação interior, que tende a se recolher ao invés de se exteriorizar, Nietzsche é claro: “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* isto é o que eu chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma” ”³

Percebe-se que o ideal ascético, desde os primórdios, agiu sem ter de enfrentar grandes resistências e com o auxílio de sua atividade “camaleônica” de sua “função cromática” mesmo, pode representar os tipos que vieram deitar sob seu regaço Também o filósofo, para poder “entrar” em cena lançou mão das qualidades ascéticas. Ora, sua postura tímida e dessensualizada é justamente a consequência do estreito vínculo entre a atividade contemplativa e a estirpe sacerdotal.

Ao desenredar a trama criada pelo ideal ascético, Nietzsche revela o desempenho subordinado que a atividade filosófica exerceu desde os primeiros tempos de sua história. Ora, é sob a forma de filosofia que o ideal ascético deposita claramente sua preocupação fundamental, a saber, a sua *vontade de verdade*. É na *vontade de verdade* que a figura do filósofo irá buscar nutrientes para suas reflexões, com ela pôde consolidar seu *status* ante a grande massa de “não-filósofos” e exercer seu domínio, típico do homem que “sabe” que “conhece”. Atrás desta vontade escrupulosa de “não enganar” ou, mais precisamente, de “não se deixar enganar” Nietzsche percebe algo que se deixa entrever, algo camuflado.

Ali se escondem o medo e a desconfiança incondicionalmente voltados para este mundo, uma convicção consolidada em que se faz necessário o verificar “a todo preço” o sistematizar “a todo custo” e que, em última análise, não passa de um impulso mesmo de morte, de negação da vida, pois, a *vontade de verdade* não faz concessões e acredita simplesmente que não há tempo nem lugar para erros, para natureza ou história. Desta forma, a moral vem à tona como princípio filosófico e possibilita o filósofo construir mundos inacessíveis, isto é, através de seu próprio escrupulo moral

⁴ Contudo, ao nos lançarmos sobre a tremenda missão histórica delegada aos sa-

cerdotes ascéticos, e, não só aos padres, que consiste justamente em aliviar o peso de uma existência malograda, nos deparamos novamente com o fundamento da necessidade de consolo que prevalece no espírito do sofredor de si, isto é, seu “horror ao vácuo”

Sobre a interpretação religiosa do mundo, Nietzsche diz: “É o profundo e desconfiado temor a um pessimismo incurável, o que obriga milênios inteiros a abraçar firmemente uma interpretação religiosa do existir: o temor daquele instinto que presente que se poderia ter a verdade *cedo demais*, antes que o homem se tenha tornado forte, duro e artista o bastante...”⁵ Junto ao pressentimento de que seria “cedo” demais para que pudéssemos prescindir de toda a perspectiva ascética, vislumbramos a grande inércia que impede a reavaliação de nossa posição frente ao mundo.

Talvez esta seja a grande contribuição de Nietzsche, ou seja, ao nos alertar contra a inércia imposta pela interpretação ascética da existência, nos obriga a sair de um quadro “paralítico” para finalmente considerar outras interpretações do mundo, mais ampliadoras e menos intolerantes.

Bibliografia

Obras de Nietzsche

Obras Incompletas. Coleção “Os Pensadores”. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

Genealogia da Moral. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Brasiliense, 1987.

Além do Bem e do Mal. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Obras de comentadores

ASSOUN, P. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo, Brasiliense, 1989. 1º edição.

MARTON, S. *Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo, Brasiliense, 1990. 1ª edição.

NOTAS

1. NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Nova Cultural, 1987 4º edição, p.58.

2. NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral* Tradução de Paulo César Souza. São Paulo, Brasiliense, 1987 I, 10, p.34.

3. NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo, Brasiliense, 1987 II, 16, p.

5. NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. III, 59, p.62.